



ID: 115540675

08-02-2025

Trump, Musk e a Organização Mundial da Saúde

Opinião



Miguel Prudêncio

A tomada de posse de Donald Trump como 47.º Presidente dos Estados Unidos marca, como muitos já disseram e escreveram, o início de uma nova era, distópica, acrescento eu, da humanidade. O frenesim de “ordens executivas” (OE) assinadas sob os holofotes da imprensa logo no dia 20 de janeiro e nos dias que se lhe seguiram foi tal que dificulta a escolha de quais delas enfatizar. É, por isso, algo compreensível que, perante o chorrilho de enormidades que marcaram os primeiros dias da segunda presidência Trump, uma dessas OE não tenha tido o destaque que porventura merecia. Estou a referir-me à decisão potencialmente catastrófica de retirar os EUA da Organização Mundial da Saúde (OMS), pondo assim em risco a saúde das populações, não só dos países mais desfavorecidos do globo, como das do mundo no seu todo.

A OMS foi criada em 1948 com o propósito de “unir nações, parceiros e pessoas na promoção da saúde, manter o mundo seguro, e servir os mais vulneráveis”. Para atingir os seus objetivos, a OMS lidera os esforços globais para expandir a proteção universal contra a doença, dirige e coordena a resposta global a emergências médicas, e pugna pelo cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável traçados pelas Nações Unidas em 2015.

Entre as inúmeras ações que leva a cabo sob o mote “pomos a ciência a trabalhar para construir um mundo mais saudável e mais seguro”, a OMS coordena a resposta internacional de emergência a epidemias como as de ébola, Zika, mpx, cólera ou sarampo, apoia a implementação de sistemas de monitorização e tratamento de doenças como a tuberculose ou o VIH/sida, e promove programas de vacinação infantil contra doenças como a difteria, tétano, tosse convulsa e sarampo.

É aos esforços da OMS que se fica a dever a erradicação da varíola, a única doença infecciosa até hoje erradicada do planeta, bem como a eliminação da poliomielite da maior parte do globo. A malária, outrora prevalente em diversos países da Europa, foi eliminada do continente



Trump, líder da nação mais poderosa do mundo, opta pelo desprezo pela ciência e pelo abandono dos mais desfavorecidos

européu graças às campanhas levadas a cabo pela OMS nas décadas de 1950 e 1960, e foi a ação da OMS que permitiu recentemente dar início ao programa de vacinação de crianças contra esta doença devastadora, nas regiões onde ela ainda persiste.

A OMS conta com 194 membros, ou seja, a quase totalidade dos países do mundo, e a todos é devida uma contribuição anual para o orçamento, calculada sobretudo com base no PIB de cada país. Os EUA são não só um dos países fundadores da OMS, como, historicamente, o seu principal financiador. Para além dos óbvios impactos financeiros no funcionamento da organização, e de colocar os EUA ao lado do Liechtenstein como os únicos Estados soberanos do planeta que dela não fazem parte, a decisão de Trump compromete toda a investigação científica americana na área da saúde, muita da qual depende de dados partilhados entre os Estados-membros da OMS. Neles se incluem, por exemplo, amostras de agentes infecciosos ou dados de sequenciação genética, necessários à criação ou atualização

de medicamentos e vacinas, áreas em que os EUA sempre desempenharam um papel preponderante, nomeadamente através de agências como os CDC (Centers for Disease Control and Prevention) ou a FDA (Food and Drug Administration), de laboratórios de investigação biomédica de excelência, e de diversas empresas farmacêuticas.

Donald Trump justifica a sua decisão com o facto de os EUA contribuírem com cerca de 18% do orçamento total para uma instituição que denomina como “corrupta”. É certo que esse valor é muito superior ao do de outros países, e é claro que diversos aspetos do funcionamento da OMS podem ser melhorados. Mas Trump não propõe rever a contribuição dos EUA, nem sugere a introdução de reformas na OMS, o que sugere fortemente que o que está efetivamente em causa é tão-somente o desejo de o Presidente americano enfraquecer as instituições internacionais. Neste caso, fá-lo com total desprezo pelo conhecimento científico e pela saúde global, minando a capacidade de resposta a atuais e futuras emergências médicas, e comprometendo o bem-estar da população dos próprios EUA.

Mas merece a pena olhar para os números em causa de outro prisma. Segundo o próprio Trump, a contribuição anual dos EUA para a OMS cifra-se nos 500 milhões de dólares. Ora, este valor corresponde a cerca de 0,00008% da fortuna conjunta de Elon Musk, Jeff Bezos e Mark Zuckerberg, os novos oligarcas e acólitos do Presidente dos Estados Unidos. Ou a cerca de 0,0001% da fortuna de apenas Elon Musk.

Talvez valha a pena parar para pensar sobre o mundo em que vivemos, quando uma ínfima fração da fortuna de apenas três pessoas seria suficiente para ajudar a criar condições para permitir à população do mundo inteiro aceder aos cuidados de saúde de que necessita. Isto enquanto o líder da nação mais poderosa do mundo opta pelo desprezo pela ciência e pelo abandono dos mais desfavorecidos, em detrimento do conhecimento e da solidariedade entre os povos.

Investigador principal do Instituto Gulbenkian de Medicina Molecular e professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa